

As Metodologias Ativas e Seus Atores Aprendentes

Julia Cristina Granetto Moreira¹, Francieli Motter Ludovico² e Mirian Ligia Endo Karolesky³

1. Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Mestre em Letras; Graduada em Letras Português/Espanhol. Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

2. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Mestre em Letras; Graduada em Letras Português/Inglês. Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

3. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Mestre em Letras; Graduada em Letras Português/Inglês. Coordenadora Pedagógica de polo EaD da Universidade Paulista (UNIP).

jugranetto@gmail.com e mirianlek@gmail.com

Palavras-chave

Atores Aprendentes

Aprendência

Metodologias Ativas Perfil

Docente

Resumo: Novas e outras metodologias de ensino se apresentam em tempos convergentes e um dos grandes fatores é a influência da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD), em que a produção de conhecimento é ressignificada. Diante disso, o presente trabalho tem como intuito refletir a respeito do novo/outro papel que o docente assume diante das Metodologias Ativas. Compreendemos como Metodologias Ativas aquelas que têm os estudantes como os protagonistas do ensino, nesse contexto, o perfil do professor deixa de ser meramente o de repassar informações, ele passa a assumir o papel de mediador. Consideramos, nesse estudo, professores e estudantes como aprendentes, em constante movimento de aprendizagem, que envolve o ininterrupto aprendizado, interagindo de modo rizomático. A troca de papel não acontece de forma instantânea, e a consciência dessa necessidade é o primeiro passo. A TCD apresenta-se como um caminho para a superação das práticas enraizadas, centradas no professor e descontextualizadas da realidade do estudante. Faz-se necessário refletir, pensar e agir, o professor agora deve ser elo, orientador, motivador, possibilitando espaços para que o estudante se constitua cada vez mais ativo, autônomo e com espírito de colaboração. O presente estudo, metodologicamente, seguiu pelos caminhos da pesquisa qualitativa, de tipo bibliográfico, trazendo à discussão autores como Deleuze e Guattari, Morin, Assmann, Jansky, Prensky, dentre outros autores.

Artigo recebido em: 20.08.2018

Aprovado para publicação em: 29.10.2018

INTRODUÇÃO

A Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) tem alterado diversas esferas da vida e comportamentos sociais, a maneira como nos comunicamos, compramos, trabalhamos, nos relacionamos e inclusive como estudamos. Com a Era Convergente, que de acordo com Jenkins (2008) é o momento contemporâneo que estamos vivenciando, em que as novas e velhas mídias dialogam, se comunicam e entrecruzam, o contexto educacional ganha outros e novos significados.

Mesmo com inúmeras fontes de informação e conhecimento na Era Convergente, o papel da escola é amplificado. E uma de suas funções passa a ser a de capacitar estudantes para que saibam lidar com esse universo e possam aproveitá-lo. Para tanto é necessário “reconhecer que o uso da tecnologia potencializa a ação de todos os sujeitos” (SUNAGA; CARVALHO, 2015, p. 141).

E com o espaço de aprendizagem ressignificado, novas e outras metodologias de ensino se apresentam, chamadas neste trabalho de Metodologias Ativas, as quais têm como intuito despertar o protagonismo no es-

tudante/aprendente, para que este seja capaz de produzir por si só seu conhecimento, com o auxílio dos professores, também aprendentes. As Metodologias Ativas são chamadas assim pela vivacidade da prática, como algo em movimento e vivo.

Compreendendo as Metodologias Ativas como aquelas que têm os estudantes como os protagonistas do ensino, o perfil do professor deixa de ser meramente o de repassar informações, ele passa a assumir o papel de mediador. Consideramos, nesse estudo, professores e estudantes como aprendentes, em constante movimento de aprendizagem, que envolve o ininterrupto aprendizado, interagindo de modo rizomático.

A troca de papel que os estudantes e professores assumem não acontece de forma instantânea, e a consciência dessa necessidade é o primeiro passo. Além da mudança do perfil dos professores e estudantes, quem também ganha espaço com as Metodologias Ativas são os demais atores do processo educativo, sendo eles: equipe multidisciplinar, produtores de materiais didáticos, por fim toda a comunidade que se envolve com o ensino.

Num mundo de tantas informações, oportunidades e caminhos, a qualidade da docência se manifesta na combinação do trabalho em grupo com a personalização, no incentivo à colaboração entre todos e, ao mesmo tempo, à que cada um possa personalizar seu percurso (MORAN, 2015, p. 26).

Assim como Moran (2015) não defendemos um único modelo ou método para que o processo de aprendizagem aconteça, mas sim, propostas inovadoras, que permitam ir além da mera transmissão de conhecimento, garantindo intervenções de ensino desafiadoras e reais.

As Metodologias Ativas apresentam-se como sendo um caminho para a superação das práticas enraizadas, centradas unicamente no professor e descontextualizadas da realidade do estudante. Neste cenário faz-se necessário refletir, pensar e agir, o professor agora deve ser elo, orientador, motivador, mediador, possibilitando espaços para que o estudante se constitua cada vez mais ativo, autônomo e com espírito de colaboração.

Para a construção do presente estudo, metodologicamente, seguimos pelos caminhos da pesquisa qualitativa, de tipo pesquisa bibliográfico, trazendo à discussão autores como Deleuze e Guattari, Morin, Assmann, Jenks, Prensky, Moran dentre outros autores.

O texto está organizado da seguinte maneira, na primeira seção denominada de “Tecnologia de Comunicação Digital e o contexto escolar”, vamos discutir a respeito da convergência deste momento contemporâneo, da presença das Tecnologias digitais e da relação estabelecida para a aprendizagem no espaço educacional.

Já na segunda seção “Metodologias Ativas”, procuramos expor o que entendemos a respeito das Metodologias Ativas, com base no estudo bibliográfico e demonstrar como acontecem algumas práticas de ensino em que as Metodologias Ativas se apresentam como foco, dentre elas, as Metodologias por Projetos, Aprendizagem Baseada em Problemas, Ensino Híbrido e Sala de Aula Invertida.

Na terceira e última seção “Atores Aprendentes” dedicamos a reflexão dos atores que compõem o contexto educacional, sendo eles professores, estudantes e equipe multidisciplinar e o papel que assumem frente as Metodologias Ativas. Com esse trabalho esperamos que outras e novas práticas se desenvolvam e sejam elaboradas com o objetivo de aproximar cada vez mais o ensino com a realidade, sendo condizente com o momento que estamos vivenciando.

1. A TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL E O CONTEXTO ESCOLAR

Abrimos nossa reflexão acerca do contexto escolar na atualidade a partir do seguinte questionamento, como estamos buscando sanar a lacuna estabelecida pelo desenvolvimento da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) e as metodologias adotadas nas escolas?

Refletir sobre o panorama educacional na contemporaneidade requer um rompimento com formas cristalizadas de pensar e fazer educação, uma quebra dos velhos paradigmas, dentre eles, o qual daremos uma atenção especial, diz respeito ao papel do professor como responsável do processo formativo, em todas as suas etapas.

Basta um breve olhar para uma sala de aula, seja ela do ensino fundamental, médio ou superior, para perceber que o processo comunicacional, antes estabelecido em via única, nos momentos atuais já não se sustenta, pois temos estudantes que passam muito mais tempos conectados ao virtual, que presentes, de corpo e espírito, em sala de aula.

Hoje, um outro fator que muito tem preocupado professores, pedagogos, equipe multidisciplinar e comunidade escolar como um todo, diz respeito à indisciplina. Nossos estudantes já nascem conectados por inúmeros aparatos tecnológicos. É comum ao observarmos uma criança entre 3 e 4 anos de idade, percebermos que a mesma já exerce um certo domínio com *smartphones* e *tablets*, conseguindo realizar ações que nos deixam fascinados com tais habilidades.

A aptidão por tais tecnologias, muito tem relação com a possibilidade de experimentação e experimentação que tais aparatos possibilitam, porém, quando esta criança tão acostumada a navegar pelo mar de experimentações, repleto de imagens e sons, chegam a fase escolar, e se deparam com o ambiente estéreo da maioria das salas de aula das escolas brasileiras, são obrigadas a entrar nesse universo, onde apenas é permitido seguir os caminhos indicados pelo professor, sem que haja permissão para explorar novas rotas e outros territórios. Isso tudo, pode gerar estudantes cada vez mais alheios ao que acontece em sala de aula, com atitudes que muitas vezes resultam em um comportamento indisciplinar.

O espaço escolar, em muitos contextos, deixou de ser um lugar de encantamento, que de fato seja significativo aos estudantes, e para sanar essa lacuna, precisa buscar metodologias para reencantar os aprendentes por meio da Educação. Mas, para tanto a escola como ambiente de construção de conhecimento deve se abrir às experimentações pelo mundo virtual. Buscar transformar a escola em espaço de reencantamento, mas o que se entende por, primeiro, por encantar. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1999, p. 745), encantar significa cativar, seduzir, maravilhar, arrebatar, lançar encantamento e magia sobre algo, causar prazer, transformar em um outro ser, deste modo reencantar pode-se traduzir em retomar o poder de encantamento. Como nos coloca Assmann (2011):

Como o prazer e a ternura na educação passa pela experiência sensorial do corpo, a morfogênese do conhecimento tem que ser dinâmica, prazerosa e curativa, com uma pluri-sensualidade que passe pelo cérebro, pelas emoções, e se expresse no corpo. Assim, o monopólio da educação visual-auditiva dará lugar a uma educação instrutiva e criativa, cheia de encantamentos e acessível, comprometida com o social e centrada no prazer de aprender e ensinar, e onde a educação se reveste novamente de encantos (ASSMANN, 2011).

Se por um lado temos cada vez mais dificuldades em manter nossos estudantes ativos em sala, percebemos um crescimento extraordinário de estudantes ativos em redes sociais, criando canais no YouTube, ou participando em ambientes digitais interativos, onde circulam uma infinidade de conteúdos e informações.

Analisando tal comportamento percebemos que, o mundo virtual por oferecer ao educando uma infinidade de possibilidades, tanto de interação com o conhecimento nas suas mais diversificadas áreas, como com outras culturas e pessoas, acaba por contribuir, ainda mais, com o esvaziamento do currículo escolar. Tornando-o muitas vezes obsoleto, pois esse não dá conta de acompanhar a velocidade com que o conhecimento tem se renovado, diante do frenético movimento do desenvolvimento das TCD.

Diante do exposto, o que pretendemos aqui é refletir sobre as possibilidades que a Tecnologia de Comunicação Digital pode trazer para o ambiente escolar, tornando o currículo mais atrativo, e principalmente, transformando todos os envolvidos com o ensino, os atores aprendentes, sejam eles docentes, estudantes e/ou equipe escolar multidisciplinar, em sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. Pois, conforme Morin (2003, p. 102), precisamos “preparar as mentes para responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano”.

Primeiramente é necessário aceitar as diversas inovações nos processos educativos, e quando falamos de inovação não nos referimos apenas a aparatos altamente tecnológicos, ferramentas de ordem técnica, mas também a Metodologias Ativas, pensar, agir, ensinar e aprender conectados com a inovação, adaptando-se ao novo para assim enriquecer a Aprendizagem:

O novo modo do saber na cibercultura rompe com os esquemas cristalizados de nossa formação. Para se captar a realidade desse movimento sutil, fluídico, que nos enreda, é preciso um olhar multidimensional. É preciso colocar-se num ponto de multirreferencialidade para saborear o novo contexto e nele se entender, num entorno que vai se definindo cada vez mais pela dinâmica da forma da Comunicação Digital (CATAPAN, 2002, p. 4).

A TCD está cada vez mais presente no dia a dia, seja para uma simples consulta da previsão do tempo, como para transações comerciais de grande porte. Em muitos setores econômicos da sociedade moderna, a falta da TCD causaria um grande colapso na economia. Mas, apesar das TCD fazerem parte da vida cotidiana, na maioria dos ambientes escolares seu uso se restringe à utilização por parte do setor administrativo e de gestão escolar.

Pensar em um currículo e em metodologias que sejam consonantes ao desenvolvimento tecnológico atual, requer uma apropriação de tais tecnologias por parte do profissional docente, introduzindo novas metodologias que envolvam o uso de recursos digitais, inserindo o aprendente em ambientes virtuais, onde os mesmos possam desenvolver autonomia na construção de novos conhecimentos. Mas, para que haja uma mudança significativa no processo educacional é notória a necessidade de profunda reflexão teórica e conceitual sobre o que vem a ser trabalhar com tais tecnologias em prol da educação, uma vez que, a tecnologia por si só não mudará a forma como se conduz a práxis docente.

O professor precisa sair do seu ambiente de conforto e mergulhar nesse novo universo, o universo digital, para que possa entender, de fato, como se dá a construção do conhecimento mediado por TCD. Nas falas de Henrique Dans (2010) trabalhar com inovação, com a Tecnologia de Comunicação Digital em muitos sentidos, funciona como “o descobrimento de um novo continente: uma abundância de solo fértil para desenvolver e inovar” (DANS, 2010). É algo recente e ao mesmo tempo urgente, que nos dá muitas possibilidades que ainda estamos começando a explorar.

São muitos os recursos digitais disponíveis para utilização no contexto escolar, estes vão desde simples aplicativos para gravação de *podcast*, apresentações interativas, escrita digital a recursos mais complexos que exigem um conhecimento maior, como para a utilização de plataformas multifuncionais de última geração.

2. AS METODOLOGIAS ATIVAS

Compreendemos a terminologia Metodologias Ativas, neste trabalho, como sendo uma metodologia viva, em que o aprendente é o protagonista, um fazedor do seu próprio conhecimento, que de maneira ativa e não passiva construa e reconstrua suas visões de mundo, seu posicionamento, encontrando as razões para estar no lugar em que está, em que tudo faça sentido.

As Metodologias Ativas, de forma interativa, contrapõem as metodologias passivas, aquelas que se acomodam nos territórios escolares, com práticas e modelos de séculos passado usadas em pleno século XXI, sendo apenas repetições de práticas, que muitas vezes não despertam interesse nos estudantes/aprendentes, as metodologias passivas em tempos de tecnologia digital estão condenadas ao fracasso.

As Metodologias Ativas, além da necessidade de despertar nos aprendentes a vontade, elas devem encantar, promovendo a sensibilidade ao outro, interesse de conhecer, de forma transversal relacionando os conteúdos com as temáticas da vida. Neste sentido, “as metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas” (MORAN, 2015, p. 18).

As Metodologias Ativas negam as práticas reducionistas, “o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso” (MORAN, 2015, p. 19).

A mudança na escola pode começar pela sua arquitetura e organização espacial. Já que essa foi constituída, na modernidade, com o objetivo de vigiar, modelar e adequar as pessoas, Foucault (2009) explica que a arquitetura das instituições modernas não foi pensada para ser vista, para beleza, ou para proteção:

mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado — para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (FOUCAULT, 2009, p. 197).

Moran (2015) comunga da ideia da mudança dos espaços escolares, que deveriam deixar de ser tão quadrados e cartesianos, para espaços mais abertos, integrando lazer a esse ambiente, uma simples mudança na organização das mesas/carteiras, rompendo com o modelo de enfileirado e hierarquizado, já seria interessante. Novas configurações espaciais, temporais e metodológicas no espaço escolar podem auxiliar a trazer outras/novas práticas de aprendizagem. O autor ainda comenta:

O ambiente físico das salas de aula e da escola como um todo também precisa ser redesenhado dentro dessa nova concepção mais ativa, mais centrada no aluno. As salas de aula podem ser mais multifuncionais, que combinem facilmente atividades de grupo, de plenário e individuais. Os ambientes precisam estar conectados em redes sem fio, para uso de tecnologias móveis, o que implica ter uma banda larga que suporte conexões simultâneas necessárias (MORAN, 2015, p. 19).

Na visão de Serres (1995), estamos diante de uma sociedade que ele denomina como Sociedade Pedagógica, pois a difusão do conhecimento não cabe mais apenas ao reduto das instituições escolares. Segundo o autor:

Já envelhecido, nosso mundo das comunicações está parindo, neste momento, uma sociedade pedagógica, a das nossas crianças, onde a formação contínua acompanhará, pelo resto da vida, um trabalho cada vez mais raro. As universidades à distância, em toda a parte e sempre presentes, substituirão os campi, guetos fechados para adolescentes ricos, campos de concentração do saber. Depois da humanidade agrária vem o homem econômico, industrial; avança uma era, nova, do conhecimento. Comeremos saber e relações, mais e melhor do que vivemos a transformação do solo e das coisas, que continuará automaticamente (SERRES, 1995, p. 55).

Como em qualquer outra metodologia, nas Metodologias Ativas, o objetivo de intervenção no ensino deve ser claro, para que as tarefas a serem propostas aos estudantes consigam cumprir expectativas e provocar o desenvolvimento das mais diversas habilidades.

A expressão aprendizagem ativa, conforme Moran (2015) pode ser entendida como aprendizagem significativa, haja vista, que as Metodologias Ativas são pontos de partida para seguir para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas.

Para de fato as Metodologias Ativas serem significativas necessita-se, além do papel protagonista que os estudantes assumem, que os materiais elaborados como suporte proporcionem interdisciplinaridade/transdisciplinaridade, transversalidade, hipertextualidade, sensibilidade e respeito às singularidades, considerando o estudante como um ser uno e único. A respeito disso acreditamos que não há como garantir que uma intervenção de ensino causará aprendizagem, por isso, com o objetivo de viabilizar um ambiente mais rico para que os estudantes possam trilhar seu caminho, aprender e construir novos conhecimentos, precisamos oferecer mais e diferentes oportunidades, de diferentes padrões e metodologias.

Dentre as Metodologias Ativas que de fato consideram os estudantes como protagonistas, o conhecimento como significativo e respeitam às singularidades temos diversas, apresentaremos algumas das quais os Acontecimentos têm surtido bons frutos, dentre elas o Ensino por Projetos, Aprendizagem Baseada em Problemas, Ensino Híbrido e Sala de Aula Invertida, que comentaremos na sequência.

O trabalho com Metodologias Ativas por Projetos, nos convidam a repensar e ressignificar a natureza e os objetivos da organização escolar e do conhecimento, o que faz com que os estudantes ganhem protagonismo e os docentes atuem mais como mediadores do que como autoridades. Considerando dessa maneira, os projetos podem contribuir para favorecer, nos estudantes, a aquisição de capacidades relacionadas com:

a autodireção: pois favorece as iniciativas para levar adiante, por si mesmo e com outros, tarefas de pesquisa; a inventiva: mediante a utilização criativa de recursos, métodos e explicações alternativas; a formulação e resolução de problemas, diagnóstico de situações e o desenvolvimento de estratégias analíticas e avaliativas; a integração: pois favorece a síntese de ideias, experiências e informação de diferentes fontes e disciplinas; a tomada de decisões: já que será decidido o que é relevante e o que se vai incluir no projeto; a comunicação interpessoal: posto que se deverá contrastar as próprias opiniões e pontos de vista com outros, e tornar-se responsável por elas (HERNÁNDEZ, 1998, p. 73 e 74).

O ensino por projeto diz respeito ao processo de dar forma a uma ideia que está no horizonte, mas que admite modificações, está em diálogo permanente com o contexto, com as circunstâncias e com os indivíduos que, de uma maneira ou outra, vão contribuir com esse processo.

A metodologia por projetos está orientada para o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes nos estudantes, através de intenso estudo, leitura, investigação e elaboração de conteúdos, produtos e/ou artefatos. Para que o mesmo seja executado de forma positiva deve ser previamente planejado pelos docentes e proporcionar aos estudantes prazer em estudar e elaborar o projeto.

Já o Ensino Híbrido ou *Blended Learning* proporciona a mescla entre presencial com o virtual, a sala física com o ambiente virtual, os materiais mais tradicionais, como livro, com as TCD, ampliando, assim, as possibilidades dos estudantes.

O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino online, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e, pelo menos, em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN, HORN & STAKER, 2013, p. 7).

Diferente do método tradicional, onde as intervenções de ensino acontecem como se todos tivessem as mesmas habilidades, o Ensino Híbrido possibilita aprendizagem mais personalizada (SUNAGA e CARVALHO, 2015). Moran (2015) ainda explica que usar as TCD é permitir o mundo inteiro, o tempo real, neste sentido:

As tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa *online*, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio (MORAN, 2015, p. 25).

Assim, oferecer parte do ensino virtual é dar espaço para que cada estudante possa trilhar e percorrer seu caminho para seu desenvolvimento, tornando o processo mais flexível e permitindo a produção de novos conhecimentos.

Na sala de aula invertida temos uma mudança de paradigma do ensino presencial, alterando sua lógica de organização tradicional. O principal objetivo é que os aprendentes tenham prévio acesso aos conteúdos e materiais do curso/aula e no momento da aula é dedicado um espaço dinâmico e interativo, permitindo a realização de atividades em grupo, debates e discussões. Para que a sala de aula invertida tenha resultados positivos o comprometimento e envolvimento dos estudantes é um fator essencial, pois eles necessitam dedicar um tempo em casa para as leituras e estudos previamente ao momento de encontro.

Um dos principais benefícios dessa metodologia é propiciar debates mais complexos e avançados das temáticas, uma vez que o conteúdo foi previamente estudado pelos aprendentes, proporcionando um nível de discussão e compreensão mais elevado.

Na Aprendizagem Baseada em Problemas, o docente apresenta um problema próximo do real aos estudantes, este pode ser em forma de simulado elaborado por *expertises* na área do conhecimento, com temas fundamentais que oportunizem o preparo do estudante para atuar na vida profissional. Os conteúdos e temáticas relacionados aos problemas apresentados são estudados de maneira individual ou coletiva e são discutidos em grupo, organizados pelos próprios estudantes ou professores.

Na Metodologia Ativa “Aprendizagem baseada em problemas” o docente despertará no estudante o sentimento de que ele é capaz de resolver as questões, a partir da pesquisa. Essa proposta tem como intuito pos-

sibilitar que o estudante empregue os conhecimentos adquiridos de forma prática, ampliada, relacionando com os conhecimentos significativos, que despertem o interesse, minimizando assim a ocorrência de uma educação fragmentada.

O local de armazenamento dos conteúdos, chamado em muitos contextos de repositório, sendo ele por e-mail, plataformas digitais, redes sociais e outras e a interação entre os aprendentes é algo que devemos ter um cuidado especial quando trabalhamos com as Metodologias Ativas, pois tais recursos propiciam a mediação das informações e a organização dos conteúdos.

Os autores Mitre et al. (2008) consideram que as Metodologias Ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino-aprendizado, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história, sua narrativa e passa a ressignificar suas descobertas.

É com um olhar mais atento sobre a celeridade proveniente dos avanços no campo comunicacional, que a escola necessita refletir sobre as mudanças necessárias para atender os anseios dessa nova sociedade pedagógica, condizente com o momento atual, considerando os nativos digitais e as formas como ocorrem o aprendizado nestes atores.

3. ATORES APRENDENTES

Pensar na construção do conhecimento de acordo com os princípios das Metodologias Ativas, do aprendente e da Aprendizagem é considerá-la que para alcançar seus objetivos é fundamental a conexão entre os pares heterogêneos, não se tratando apenas de aprendentes como também de todos os actantes envolvidos, humanos e não-humanos. Todos necessitam estar em sintonia, harmonia e conexão ativa, conforme Assmann e Mo Sung (2000):

Precisamos visualizar conjuntamente os agentes humanos e a tecnologia versátil de modo a superar uma concepção em demasiado maquínica da interação entre seres humanos e ambientes cognitivos artificiais. Trata-se de entender que, embora preservando uma série de aspectos típicos das racionalidades instrumentais e das linguagens reducionistas, as tecnologias adquiriram tamanha versatilidade e disponibilidade cooperativa que podemos chamá-las sistemas cooperativos ou interfaces de parceria entre o homem e a técnica (ASSMANN, MO SUNG, 2000, p. 11).

Com as Metodologias Ativas consideramos todos aprendentes, tanto os educadores, como os estudantes, como também a equipe multidisciplinar. Cabe mencionar o 1º e 2º princípios de conexão e de heterogeneidade de Deleuze e Guattari (1995), a Educação acontece a partir da relação, conexão e interatividade entre todos os actantes presentes nesse cenário, “Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (...)” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

Na construção de Metodologias Ativas, o vocabulário “aprendente” faz todo sentido, pois “as cristalizadas fronteiras que existem entre quem ensina e quem aprende se diluem cada vez mais, entre quem está legitimado a ensinar e quem está designado para aprender” (DAL MOLIN, 2003, p. 81). Já o termo Aprendizagem:

(...) convida a romper com a dicotomia professor-aluno, ensino-aprendizagem, pois nesta perspectiva, todo aquele que ensina aprende e todo aquele que aprende também tem algo a ensinar, estando todos os atores educativos em processo contínuo de construção de conhecimentos e de produção de Acontecimentos (GRANETTO-MOREIRA, 2017, p. 61).

Na era da Tecnologia de Comunicação Digital e de outras e novas metodologias, os princípios fundamentais da Aprendizagem são a flexibilidade, a integração e o compartilhamento das ideias e saberes (DAL MOLIN, 2003). Neste sentido, os aprendentes assumem essa função e se tornam coprodutores de conteúdos, ultrapassando apenas o repasse de saberes já estabelecidos, a mera transposição. Em um processo de Aprendizagem, em que:

O professor, ao quebrar a linearidade dos processos de ensino aprendizagem, participa e aprende, torna-se aprendente juntamente com seu estudante, pois, não se trata do passar e do receber o conhecimento, mas da participação no processo de maneira ativa e cooperativa de ambas as partes (DUTRA et al., 2015).

O docente/aprendente além de mediar os saberes, dando voz aos estudantes e instigando-os a construir seus próprios conhecimentos, também é o responsável pela seleção dos recursos, sendo estes digitais ou não, mas que tenham finalidade pedagógica, com o intuito de facilitar a construção de conhecimentos dos aprendentes, compreendidos, por esta palavra professores e estudantes. Esses que serão estimulados a produzir novos conhecimentos e os professores que, a cada seleção e criação dos materiais didáticos, se sentem comprometidos em aprimorá-lo, quer na criação, quer no seu emprego e nas diversas situações contextuais, singulares ou coletivas.

Os materiais didáticos cumprem um importante papel com as Metodologias Ativas, sendo digitais, conhecidos os Objetos Digitais de Aprendizagem, surgem com o objetivo de “serem instrumentos dessa nova forma de educar, facilitando a disponibilidade e acessibilidade da informação no ciberespaço. É uma terminologia recente que vem sendo cada vez mais incorporada no ambiente educativo” (GRANETTO, 2014, p.44).

O professor aprendente vai além do mero repasse de informações, ele estimula, respeita a “bagagem” de cada estudante, se entrega, com sua sensibilidade, passa a ser de fato um artista do conhecimento e sendo sua obra de arte, o ato de ensinar. Como obra de arte defendemos que:

a ideia de arte como algo que se move, que afeta a alma, que propicia a aprendizagem, posiciono-me a favor de novas maneiras de conceber o artista e a arte, partindo da concepção de arte como um Acontecimento, como uma sensação, um estado de ser, estar e se expressar, defendo a ideia de arte como algo que se move, que afeta a alma, que propicia a aprendizagem, posiciono-me a favor de novas maneiras de conceber o artista e a arte, partindo da concepção de arte como um Acontecimento, como uma sensação, um estado de ser, estar e se expressar (GRANETTO-MOREIRA, 2017, p. 74).

As Metodologias Ativas potencializam o pensamento rizomático, hipertextual, multidisciplinar, repletos de desdobramentos. Pensar nas Metodologias Ativas como rizoma, é de fato, acreditar em um caminho em pleno devir, com Acontecimento e Experimentação (GRANETTO-MOREIRA, 2017).

Com as Metodologias Ativas todos os envolvidos com o Ensino assumem importantes papéis, não temos mais atores principais e secundários, aqueles que de forma passiva fazem pequenas participações, envolvidos com estas metodologias, todos os atores são protagonistas, tanto os estudantes, professores como equipe multidisciplinar, na busca da verdadeira construção do conhecimento, de forma significativa, com os desejos de despertar curiosidade, sensibilidade, criatividade, Experimentações e de aprender/aprendência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa deste trabalho foi discutir sobre o papel que assumem os aprendentes, sendo estes os professores, estudantes e equipe multidisciplinar com as Metodologias Ativas, compondo novas e outras formas e práticas de ensino, considerando os estudantes como ativos, protagonistas da construção do seu conhecimento, tendo como mediação trabalho da equipe multidisciplinar, que envolve muitos e diversos atores, inclusive os docentes.

Existem muitas possibilidades para romper com as práticas reducionistas, cartesianas e tradicionais, que muitas vezes insistem em continuar, de ensinar e aprender, promover aprendizagem, e é evidente que existem limitações para que as mudanças ocorram, sendo elas pela organização do sistema educacional, valorização da Educação e principalmente do papel docente na nossa sociedade, da educação maior organizada por currículo, mas, mesmo diante de todos estes desafios, e de forma discreta, este trabalho deve iniciar.

As Metodologias Ativas necessitam criar e recriar territórios, que sejam de fato flexíveis, conectados e condizentes com as mudanças da sociedade contemporânea, na busca pela fuga da produção de conhecimentos hierarquizados e desvinculados da sociedade coletiva, em que todos ganham espaço e voz, a qual todos os atores educacionais participam. Para isso mais que utilizar e elaborar Metodologias Ativas necessitamos, como educadores, aprender a aprender, Experimentando, sendo sensíveis a construir um espaço educativo que de fato faça sentido a todos os aprendentes.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H.; MO SUNG, J. **Competência e Sensibilidade Solidária**: Educar para a esperança. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo a sociedade aprendente. 11.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CATAPAN, Araci Hack. **Pedagogia e Tecnologia**: A comunicação digital no processo pedagógico. ABED, 2002.
- CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. **Ensino Híbrido**: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos. 2013. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/porvir/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf> Acesso em: Out/2018.
- DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do Tear à Tela**: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem. Florianópolis. 2003, p. 237 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis – SC, 2003.
- DUTRA, A.; LUDOVICO, F. M.; BELL' AVER, J.; MOTTER, R. M. B. Formação de via ambientes virtuais de ensino-aprendizagem: competências necessárias. **Anais do 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, Recife, 2015. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/simposio2015.html>>
- DELEUZE, G.; GUATARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Rio de Janeiro: 34.ed. 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- GRANETTO, J.C. Xanadu: hipertextualidade, objetos digitais de ensino aprendizagem em língua espanhola, formação continuada dos professores – interfaces. Dissertação (Mestrado em Letras), **Programa de Pós-graduação em Letras**, UNIOESTE, Cascavel – PR 2014.

GRANETTO, M.J.C. Objetos digitais de aprendizagem para a educação mediada: uma cartografia em devir. 163f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel–PR, 2017.

HERNANDEZ, F. **Transgressão e Mudança na Educação**: Os Projetos de Trabalho, Porto Alegre. Artmed, 1998.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo. Aleph, 2008.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: EDUSC, 2001.

MITRE, S.M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro/RJ, v. 13, n.2, p. 2133-2144, jan. 2008.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Moraes (orgs.). **Coleção Mídias Contemporâneas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives**, Digital Immigrants. University Press, em 2001. PRENSKY, Marc. **Digital Natives**, Digital Immigrants. University Press, em 2001.

SERRES, Michel. **Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica**. Uma conversa com Michel Serres Interface-Comunicação, Saúde, Educação 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180114089013_>. Acesso em: Ago/2018.

_____. **A Lenda dos Anjos**. São Paulo: Aleph, 1995.

SUNAGA, A.; CARVALHO, C.S.; As tecnologias digitais no ensino híbrido. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Melo. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: **Penso**, 2015.

